

Aula 00

ABIN (Oficial de Inteligência - Área 1)

Passo Estratégico de História Geral

Autor:

Sergio Henrique

03 de Outubro de 2024

RELATÓRIO DE REVISÃO

A Consolidação do Capitalismo

As Fases do Capitalismo

É o modo de produção hegemônico (dominante) no mundo. A sua gênese (origem) ocorreu no século XII como consequência das Cruzadas. Surgiu na Europa e nos séculos seguintes, espalhou-se pelo mundo e passou por várias fases. As características fundamentais do capitalismo são:

- ✓ Propriedade privada;
- ✓ Sociedade dividida em classes sociais;
- ✓ O mercado é regulado pela lei da oferta e procura;
- ✓ Livre iniciativa;
- ✓ O seu objetivo fundamental é o lucro.

O capitalismo passou por várias fases de expansão e desenvolvimento. A primeira delas, desde o seu surgimento até o século XVIII, foi o **capitalismo comercial**, também chamado mercantilismo. Com o desenvolvimento do capitalismo e da Burguesia (classe social dominante no capitalismo), a partir do comércio com os países asiáticos em busca de especiarias, ocorreu um dos mais importantes momentos da expansão capitalista: **as grandes navegações e a colonização da América**.

Vigorava, então, o chamado exclusivo ou pacto colonial. Entre o século XV e XVIII ocorreu um grande acúmulo de capital na Europa e foram estabelecidos contatos e ligações comerciais entre os continentes do mundo, tanto que alguns teóricos consideram os primeiros passos do processo de globalização.

Após um longo processo de **acúmulo de capital** e desenvolvimento de novas tecnologias, ocorreu na Inglaterra no século XVIII a Revolução Industrial e se iniciou a fase do **Capitalismo Industrial**.

O desenvolvimento econômico europeu foi enorme. A Inglaterra foi pioneira, pois além de uma grande mão de obra disponível, contava com jazidas de carvão e ferro, uma burguesia rica e investidora em máquinas e um sistema de transporte hidroviário, que possibilitava a rápida circulação de mercadorias e o seu escoamento para outros países. **A modernização se espalhou pela França, Bélgica e Holanda (1ª geração de industrialização)**.



A Expansão da Sociedade Capitalista

Neocolonialismo e Imperialismo

No final do século XVIII e início do XIX, quando aconteceu a Revolução Francesa, ocorreram as Guerras Napoleônicas, que impunham aos mercados conquistados o consumo de produtos franceses. A França e a Inglaterra passaram por guerra e conflitos pelo mercado europeu e se tornaram grandes concorrentes.

No século XIX, os avanços tecnológicos ocorrem também em alguns países que chamamos de **industrializados de 2º Geração: EUA, Japão, Itália e Alemanha**. O desenvolvimento industrial desses novos países gerou uma grande disputa por mercados consumidores e matérias-primas. As potências industriais se lançaram na colonização do continente africano e asiático. A esse momento chamamos **Imperialismo**. Nessa fase ocorreu uma frenética disputa por mercados consumidores e fontes de matéria-prima.

No final do século XIX, ocorreu o desenvolvimento do **capitalismo monopolista**, em que foram formados grandes conglomerados capitalistas. Grandes empresas se tornaram tão poderosas que uma transnacional ou um pequeno grupo delas dominavam o mercado, sendo chamados de **Trustes e Cartéis**.

A grande disputa entre empresas e entre as potências capitalistas, industriais e colonizadoras, fez com que os grandes conglomerados crescessem tanto que passaram a fundir-se com bancos ou criarem os seus próprios.

O Capitalismo Financeiro e Informacional

No início do século XX, o capitalismo desenvolveu a sua **fase financeira**, que se globalizou, principalmente, após a II Guerra Mundial, com as potências industriais realizando investimentos e transferências tecnológicas para os países subdesenvolvidos, que foram suas antigas áreas coloniais.

Para os países desenvolvidos, o período pós II Guerra Mundial foi de grande prosperidade econômica, elevando o padrão de vida da população, diminuindo as desigualdades, a ponto que, em muitos países desapareceu, a pobreza. É o "**Estado de bem-estar social**", alcançado com medidas **Keynesianas**. Esse auge de crescimento econômico durou até a década de 70, pois após as crises do petróleo (1973-1979), o modelo **Fordista-Keynesiano** passou a ser abandonado pelos centros do capitalismo.

Na década de 80, os EUA e a Inglaterra passam a defender e a impor o **modelo Neoliberal** (que prega a intervenção mínima do Estado na economia. Nesse contexto e com os grandes avanços tecnológicos da 3ª Revolução Industrial, o modelo **Toyotista** (acumulação flexível de capital) passa se tornar dominante nas principais potências capitalistas e hoje caracteriza a Globalização.



São características gerais do trabalho e da produção na globalização:

- ✓ Predomínio do capitalismo financeiro;
- ✓ Predomínio do Toyotismo;
- ✓ Infraestrutura de transporte e comunicação modernos;
- ✓ Tentativas de baratear ao máximo o custo do trabalho;
- ✓ Terceirização de processos produtivos e da mão de obra.

Para baratear o custo do trabalho, são usados vários mecanismos. Há a **modernização de processos**, sendo, por exemplo, o que se pode observar nas agências bancárias, que diminuíram os caixas e aumentaram as centrais de autoatendimento.

A **inteligência artificial** é cada vez mais capaz de processar quantidades incríveis de dados, controlar e realizar processos.

A decisão humana é eliminada, o atendimento agilizado e o custo do trabalho é bem menor, pois são executados por máquinas. Grandes empresas transferem parte da produção para onde o valor do trabalho humano é menor e para alguns países subdesenvolvidos, para baratear o custo da mão de obra e eliminam direitos trabalhistas.

Os serviços de *telemarketing* são bons exemplos da modernização tecnológica e da exploração da mão de obra. Na Índia, há muitos escritórios com atendentes falantes da Língua Inglesa, pela América Central, em espanhol e português.

A robotização do atendimento reduz a oferta de empregos e é muito mais barato do que contratar um humano. Isso pressiona os salários e as condições de trabalho "para baixo". As transnacionais procuram nos países mais pobres, nos quais a legislação trabalhista é ausente ou flexível, oportunidades de investir na produção em que o preço do trabalho é baixo.



A Revolução Industrial e a Modernização Permanente

Na época da transição do feudalismo para o capitalismo, quando ocorreu o renascimento urbano, o trabalho era realizado ainda pelos artesãos. Eles dominavam todas as etapas do processo de produção de uma determinada mercadoria, do molde ao acabamento. O espaço de trabalho era



a oficina, também chamadas de **corporações de ofício**. Nelas era mantida a hierarquia da produção artesanal entre o mestre e o aprendiz. Trabalhavam a serviço de quem financiava a matéria-prima, enquanto o trabalhador era dono dos seus instrumentos de trabalho e definia o local e as horas trabalhadas. Com o tempo, o **artesanato** foi se transformando em **manufatura**. Nelas, o trabalhador até continuava a ser artesão, mas não fazia tudo do começo ao fim. O sapato era feito a muitas mãos, como numa linha de montagem. A partir das manufaturas, o artesão se tornou um trabalhador sem entendimento do processo produtivo. Ele não dominava mais a totalidade do processo de trabalho e perdeu também o seu controle. O produto se tornou resultado das atividades de muitos trabalhadores. O trabalho, por sua vez, transformou-se em mercadoria que podia ser vendida e comprada como qualquer outra.

Com o surgimento da **maquinofatura**, o espaço de trabalho passou a ser, definitivamente, a fábrica, pois lá estavam as máquinas que “comandavam” o processo de produção. Todo o conhecimento que o trabalhador usava para produzir as suas peças foi dispensado, ou seja, a sua destreza manual foi substituída pela máquina.

Artesanato: o trabalhador domina todas as etapas da produção da mercadoria;

Manufatura: apesar do trabalho ser manual, há divisão nas etapas de produção;

Maquinofatura: o trabalho é feito à máquina e a divisão nas etapas é grande.

A Revolução industrial foi uma profunda transformação em que o modo de produzir sai da **manufatura** para a **maquinofatura**. Teve início na Inglaterra no século XVIII e se espalhou pela Europa. Entre os fatores que explicam o pioneirismo inglês:

- ✓ Possuía importantes fontes recursos naturais, no caso **Carvão e Ferro**;
- ✓ Grandes capitais acumulados pela burguesia inglesa;
- ✓ Abundância de mão de obra barata;
- ✓ Uma monarquia constitucional baseada nos princípios racionais do Iluminismo e do liberalismo econômico.

A Inglaterra dominava um grande mercado consumidor, pois muitos países eram dependentes dos seus produtos. As primeiras máquinas eram ligadas à indústria têxtil e, mais tarde, à produção de ferro e aço. Entre as primeiras delas podemos citar a **descaroçadeira** de algodão, o **tear mecânico** e a primeira máquina à vapor, movimentada à carvão. A principal invenção da I Revolução foi a **locomotiva à vapor**.

As suas principais consequências foram:

- ✓ Aumento da velocidade de produção, ou seja, da produtividade;
- ✓ Diminuição do preço dos produtos (e consequente expansão do consumo);
- ✓ Superexploração dos trabalhadores das fábricas, que eram submetidos a jornadas exaustivas, baixos salários e condições insalubres (que prejudicam a saúde);



- ✓ Grande concorrência entre os países que se industrializavam, que passaram a disputar ferozmente a conquista de novos mercados consumidores;
- ✓ Urbanização.

A Economia e a Sociedade da Revolução Industrial

O Trabalho como Punição

O trabalho na antiguidade e Idade Média eram vistos com enorme preconceito e desprezo. O ato de trabalhar era muito malvisto pelas elites. A origem etimológica de trabalho é do latim *tripalium*. Uma chibata com pedaços de metal na ponta, usados para castigar e torturar escravizados.

A visão do trabalho como punição também permaneceu por todo Período Medieval. No pentateuco, os livros bíblicos fundamentais do judaísmo que estão na bíblia cristã, na narrativa religiosa sobre o surgimento do mundo, após o pecado original, Adão e Eva foram expulsos do paraíso e punidos com o trabalho. A riqueza era vista com desconfiança pelo catolicismo e a Igreja proibia o lucro. Essa foi a visão dominante no mundo ocidental até o século XV.

Com o fim da Idade Média e a emergência do Mercantilismo (capitalismo comercial), a percepção sobre o trabalho mudou, e novos significados foram atribuídos a ele. Se antes era visto como atividade penosa, passou, aos poucos, a ser considerado algo positivo.

O Trabalho como Salvação: A Ética Protestante

Max Weber foi um dos pais da sociologia e um dos seus estudos mais celebrados é o livro "A ética protestante e o espírito do capitalismo". O autor compilou os dados sobre as grandes fortunas europeias e as cruzou com a religião dos seus donos.

As primeiras grandes fortunas capitalistas pertenciam a famílias judias, que não consideravam nem a riqueza, nem o lucro como pecado. Além disso, eram frequentemente perseguidos, o que os obrigavam a estar constantemente em movimento pelas cidades medievais.

O acúmulo de bens preciosos os ajudava a se livrar de "encrencas", acumulando, principalmente, as que pudessem carregar, como ouro e pedras preciosas. Viajar era perigoso e as expedições eram feitas em caravanas. Eles emprestavam dinheiro (ou seja, praticavam **usura**, proibida pela Igreja) e daí surgiram os primeiros bancos, que deram origem às cartas de crédito, que permitiam depositar o dinheiro em um lugar e sacá-lo em outro.

Ele identificou que a partir do século XVI, quando ocorreu a reforma luterana e calvinista, os princípios protestantes tinham uma visão positiva quanto ao trabalho. Ele seria uma benção e caminho para a salvação da alma. Essa concepção motivou a trabalhar, ao acúmulo e prosperidade econômica das famílias protestantes, que imprimiram novos valores sobre trabalho e riqueza na sociedade.



O Valor Moral sobre o Trabalho, as Instituições e a Socialização

Foi preciso convencer as pessoas de que trabalhar para os outros era bom. Era dito que só assim todos saíam beneficiados. Para mudar a concepção de trabalho de atividade vil, para uma atividade que dignifica o homem, algumas instituições colaboraram para isso:

- ✧ **As igrejas:** o trabalho passou a ser considerado um bem divino e quem não trabalhasse não seria abençoado. Não trabalhar e ter preguiça passou a ser pecado. Essa visão de que o trabalho dignifica o homem, tornou-se mais forte com o surgimento do calvinismo, no século XVI.
- ✧ **Os governos:** passam a ser criadas várias leis que penalizavam quem não trabalhasse. Os desempregados eram considerados vagabundos e podiam ir para a prisão. **Leis "anti-vadiagem"** surgiram em toda a Europa.

No século XX no Brasil, durante o período conhecido como "Era Vargas", essas leis foram criadas e aplicadas para disciplinar o trabalhador.

- ✧ **Os empresários:** desenvolveram uma rotina e disciplina rígida no trabalho, principalmente com a velocidade de execução das tarefas e com os horários de entrada e saída dos estabelecimentos.
- ✧ **As escolas:** Passavam às crianças a ideia de que o trabalho era fundamental para a sociedade. Também a moral da disciplina e trabalho era transmitida a partir dos contos infantis. Duas fábulas bem conhecidas eram as histórias da **"cigarra e a formiga"** e/ou a dos **"três porquinhos"**.

Você aprendeu na aula sobre socialização, que ela ocorre especialmente a partir de organizações e instituições sociais como a família, a escola, a vizinhança e o seu trabalho.

O Trabalho e a Disciplina Fabril

As fábricas, conforme se proliferaram, criaram um espaço e tipo de trabalho bastante diferente do que era realizado anteriormente em vários momentos da história. As atividades e o espaço são a partir daí organizados fundamentados pelo modelo disciplinar religioso (silêncio) e o militar (disciplina e hierarquia).

O **controle disciplinar** é mantido pelos supervisores, que avaliam a qualidade do serviço, evitam brigas e fazem cumprir os severos regulamentos, a partir de proibições (não falar alto, não dizer palavrões, não cantar), regras rígidas de horários.

O relógio passa a ser cada vez mais importante para dividir o tempo, e foram instituídas penalidades como multas, advertências, suspensões e demissões, de acordo com a gravidade da falta.

Para **Henry Ford** "quando trabalhamos, devemos trabalhar. Quando nos divertimos, devemos nos divertir. De nada serve procurar misturar as duas coisas. O único objetivo deve ser aquele de



executar o trabalho e ser pago por tê-lo executado. Quando o trabalho termina, então pode vir a diversão”.

No século XVIII se formava-se a chamada pelo filósofo **Michel Foucault**, como “**sociedade disciplinar**”, com a criação de instituições fechadas, voltadas para o controle social, assim como prisões, orfanatos, asilos, hospícios, quartéis e escolas. A seguir, apresenta-se o que o autor escreveu sobre elas:

“Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são os que podemos chamar as 'disciplinas'. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo (...). Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (...) O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (...) A disciplina fabrica, assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir.

O Mundo do Trabalho Industrial para Karl Marx e Émile Durkheim

Os séculos XVIII e XIX foram de grande prosperidade e crescimento econômico para os grandes industriais. Na mesma medida, as condições de trabalho e a vida do operário se tornaram cada vez mais sofridas. A imposição de uma disciplina rígida pelas fábricas, jornadas longas, salários baixos e péssimas condições de trabalho eram a regra.

O sucesso da indústria capitalista contrastava com a condição do trabalhador. As mudanças provocadas pelas transformações tecnológicas tiveram resistência dos trabalhadores. Surgiu na Inglaterra o movimento **Ludista**, também conhecidos como “os quebradores de máquinas”, numa demonstração de resistência à implantação das fábricas (eram contrários à industrialização devido ao desemprego estrutural que ela provoca, pois diminui muito a necessidade de mão de obra. Veremos mais sobre desemprego adiante).

Aos poucos, os trabalhadores passaram a se organizar em sindicatos e associações de trabalhadores, que lutavam por melhores salários e condições de trabalho, tendo as greves como principal mecanismo de ação política. Na medida em que o capitalismo industrial se desenvolve, os conflitos sociais também.

Diante dessas transformações profundas, olhares diferentes sobre o mundo tentaram analisar as mudanças e contexto da época e os autores **Émile Durkheim** e **Karl Marx** são os mais expressivos analistas do assunto, possuindo visões bastante diferentes sobre a questão do trabalho.



Marx e a Divisão Social do Trabalho

Para Karl Marx, a divisão social do trabalho é realizada no processo de desenvolvimento das sociedades. Ele quer dizer que, conforme buscamos atender a nossas necessidades, estabelecemos relações de trabalho e maneiras de dividir as atividades.

Um exemplo disso concerne às sociedades tribais, nas quais a divisão era feita com base nos critérios de sexo e idade. Quando a agricultura e o pastoreio começaram a ser praticados, as funções se dividiram entre quem plantava, quem cuidava dos animais e quem caçava ou pescava. Com a formação das cidades, houve uma divisão entre o trabalho rural (agricultura) e o trabalho urbano (comércio e artesanato). O desenvolvimento da produção e os seus excedentes deram lugar a uma nova divisão entre quem administrava – o diretor ou gerente – e quem executava – o operário. Aí está a semente da divisão em classes, que existe em todas as sociedades modernas. Para Marx, portanto, a divisão social do trabalho numa sociedade gera a divisão em classes.

No capitalismo industrial, para Marx, existem fundamentalmente duas classes: a dos **donos dos meios de produção** (a burguesia industrial) e os **proletariados** (aquele que só possui a sua força de trabalho). Mediante contrato, o trabalhador vende a sua força de trabalho ao industrial, por exemplo, por 44 horas semanais. Contudo, o operário não fica com a totalidade da riqueza que produziu e com poucas horas de trabalho produz o necessário para o pagamento do seu salário.

Tudo o que o operário produziu no tempo excedente pertence ao seu patrão. Assim, se produz a riqueza do capitalista que enriquece rapidamente e ocorre a acumulação de capital. A essa diferença entre o tempo trabalhado e o tempo necessário para o pagamento dos salários é o que Marx chamou de **Mais Valia** ou Mais Valor.

Ele pretendia demonstrar cientificamente que no capitalismo sempre haveria injustiça social e que o único jeito da burguesia enriquecer e ampliar a sua fortuna seria explorando os trabalhadores. O autor ressalta também **que o capitalista não paga pelo trabalho do operário, mas pela força de trabalho, isto é, sua capacidade de trabalhar**. Assim, na jornada normal de trabalho, o operário produz mais do que recebe de salário.

Se o operário trabalha oito horas por dia, é possível que durante as cinco primeiras horas ele produza o suficiente para pagar o seu salário. Como o patrão contratou a sua força de trabalho, ele deve continuar produzindo. Só que ele não recebe mais nada, trabalhando mais três horas de graça: essas três horas de trabalho não pago é a mais valia.





Exemplo 1:

Suponha que em cada hora produzida o operário produz mercadorias, que ao serem vendidas faturam R\$ 500,00. Suponha também que o desgaste das máquinas mais o valor da matéria prima e o valor pago por trabalhador seja de R\$ 150,00. Os R\$ 350,00 restantes é a mais valia, ou seja, o valor que fica para o industrial e que foi produzido pelo proletário.

Exemplo 2:

Um trabalhador produz diariamente mercadorias, que ao serem vendidas produzem R\$ 200,00 de riqueza. O valor do seu trabalho diário é, por exemplo, R\$ 10,00. Temos aqui R\$ 190,00 de mais valia. Quanto maior o número de trabalhadores, maior a quantidade de mais valia que o capitalista industrial acumula.

A Mais-Valia Absoluta e a Relativa

Marx afirma que a produção de mais valia (o valor apropriado pelo empresário, mas que foi produzido pelo trabalhador) pode ocorrer de duas formas principais: aumentando o número de trabalhadores e impondo uma disciplina mais rígida ou investindo em tecnologia. Nos dois casos, a produtividade aumenta, mas os salários são os mesmos. O primeiro caso é a mais valia absoluta e o outro relativa.

- ✦ **Mais valia absoluta:** Quando o capitalista intensifica a jornada de trabalho e aumenta o rigor da disciplina, fazendo o operário trabalhar mais, aumentando a extração de mais-valor.
- ✦ **Mais valia relativa:** Quando o capitalista moderniza a produção, investindo em tecnologia, aumentando a produtividade da hora trabalhada pelo operário, sem aumentar os salários.

Além do conceito de mais valia, Marx denunciava que as alterações no mundo do trabalho que ocorreram na transição da produção manufatureira para a produção industrial provocaram impactos negativos na vida do trabalhador. Antes da máquina, ele era dono das suas ferramentas, possuía autonomia sobre suas técnicas, horários e locais de trabalho.



A Alienação

O homem transforma o mundo a sua volta pelo trabalho e o trabalho, ao mesmo tempo, transforma o homem. Em cada peça produzida é aplicada uma quantidade de trabalho e da individualidade de quem a fez, assim como o homem aprende e desenvolve as suas habilidades intelectuais.

Com a revolução industrial, o trabalhador passou a ser submetido a jornadas terrivelmente longas e não havia direitos trabalhistas. A enorme divisão do trabalho reduziu o homem a uma extensão da máquina, pois reduziu as suas atividades a operação mecânica e repetitiva de um equipamento ou participação numa linha de montagem, com isso, perdeu o domínio sobre o seu trabalho e sobre as etapas de produção da mercadoria, tornando-se extremamente especializado. Esse é um trabalho que desgasta de maneira profunda fisicamente, com várias lesões por movimentos repetitivos e acidentes.

Essas transformações no mundo do trabalho e a perda do domínio da produção, Marx chamou de trabalho alienado ou alienação. As primeiras fábricas já alienavam profundamente o trabalho do operário e o trabalho passou por um aprofundamento do processo de alienação crescente, com o taylorismo/fordismo.

Émile Durkheim: A Solidariedade e a Coesão Social

Durkheim é um dos pais do pensamento sociológico. Diante dos mesmos problemas e contexto em que Marx escreve a sua análise, que se concentra nas tensões sociais, Durkheim é um pensamento conservador, ou seja, enquanto Marx pregava a ruptura radical com o capitalismo, ele defendia que os conflitos operários, tão frequentes no século XIX, especialmente na sua segunda metade, ocorriam por ausência de instituições e regras claras que trouxessem a coesão social. Durkheim compreende que o trabalho fabril estimula a solidariedade.

Ela seria resultado de dois tipos de consciência: A coletiva (ou comum) e a consciência individual. O sentido sociológico de **solidariedade** significa laços que unem os indivíduos em sociedade, diferente do significado no senso comum de ser solidário, próximo ao agir com compaixão e caridade com o outro.

Cada homem possui uma consciência individual, que é influenciada pela consciência coletiva, que é simplesmente a combinação das consciências de todos os homens ao mesmo tempo. No pensamento de Durkheim, a consciência coletiva é a responsável pela formação dos nossos valores morais e pressiona os indivíduos nas suas escolhas. A consciência individual mais a consciência coletiva forma o ser social. Assim, a existência de uma sociedade só é possível a partir de um determinado grau de consenso entre os indivíduos. Dependendo desse grau, temos dois tipos de solidariedade: **Orgânica** e **Mecânica**.



Solidariedade Mecânica

As sociedades primitivas e com organizações sociais tribais se organizavam a partir de semelhanças culturais e sociais entre os indivíduos que se integram por partilhar os mesmos valores religiosos, de comportamento e interesses materiais que permitam a sua existência e coesão. A solidariedade mecânica vem da semelhança.

Solidariedade Orgânica

Nas sociedades modernas, com maior grau de complexidade na diferenciação individual e social, existe a solidariedade orgânica. Cada indivíduo tem uma função e depende dos outros para sobreviver. A solidariedade orgânica é fruto das diferenças sociais. Elas unem os indivíduos pela necessidade de troca de serviços e pela sua interdependência. Nas sociedades em que predomina a solidariedade orgânica, os membros são unidos pelo laço da divisão social do trabalho. Cada um possui uma importância no todo e apesar da sua individualidade, depende dos demais indivíduos. A solidariedade orgânica depende de regras claras e comportamentos sociais bem delimitados, que são reproduzidos pela escola, família e outras instituições sociais.

A expansão da sociedade capitalista: neocolonialismo e imperialismo



APOSTA ESTRATÉGICA

As Fases da Revolução Industrial

O processo de modernização iniciado no século XVIII foi contínuo e o progresso industrial e desenvolvimento tecnológico estão ainda hoje em curso e são cada vez mais rápidos. Nas últimas décadas, após a II Guerra Mundial, o desenvolvimento foi tanto que nos **últimos 50 anos, os avanços tecnológicos foram maiores do que nos últimos 500 anos**. Para compreendermos esse processo de modernização, dividimos a Revolução Industrial em 3 etapas. Primeira, segunda e terceira Revolução Industrial. Em cada momento foram desenvolvidas tecnologias, novas matérias-primas e fontes de energia. Desde o final da década de 40 (após o final da II Guerra Mundial) vem ocorrendo a 3ª Revolução Industrial. A humanidade nunca passou por um processo de desenvolvimento tecnológico como esse. Já existem teóricos que sugerem que o progresso foi tamanho que já estaríamos numa 4ª Revolução, mas para nos concentrarmos na prova, consideramos que estamos na terceira.

REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS			
	1ª Revolução	2ª Revolução	3ª Revolução
Época	Séc. XVIII.	Séc. XIX.	Séc. XX. (Pós II Guerra)
Locais	Inglaterra, França, Bélgica.	EUA, Alemanha, Itália e Japão	EUA, Japão e Europa Ocidental
Energia	Carvão e lenha	Petróleo e eletricidade	Energias limpas e alternativas
Matéria-prima	Madeira e Ferro	Aço, plástico e borracha	Fibra de carbono e ótica

O governo alemão no início dos anos 2000 fez o projeto Industria 4.0 para estimular a produção de tecnologia de ponta e daí surgiu o conceito de **internet das coisas**, que introduziu a noção de conexão entre equipamentos para proporcionar experiências pessoais de conforto e facilidades. Há uma conexão entre fatores tecnológicos e biológicos, ou seja, os humanos aos seus equipamentos.



QUESTIONÁRIO DE REVISÃO

Perguntas

1. Qual é a origem do capitalismo e suas características fundamentais?
2. O que foi o capitalismo comercial (mercantilismo) e quando ocorreu?
3. O que foi o pacto colonial no capitalismo comercial?
4. Por que a Inglaterra foi pioneira na Revolução Industrial?
5. O que foi o neocolonialismo e o imperialismo no século XIX?
6. O que caracteriza o capitalismo monopolista do final do século XIX?
7. Quais países compõem a 1ª e a 2ª gerações de industrialização?

Perguntas com respostas

1. Qual é a origem do capitalismo e suas características fundamentais?

O capitalismo surgiu no século XII, como consequência das Cruzadas. Suas características fundamentais incluem propriedade privada, sociedade dividida em classes sociais, regulação do mercado pela lei da oferta e demanda, livre iniciativa e busca pelo lucro.

2. O que foi o capitalismo comercial (mercantilismo) e quando ocorreu?

O capitalismo comercial, ou mercantilismo, foi a primeira fase do capitalismo, ocorrendo do seu surgimento até o século XVIII. Caracterizou-se pelo acúmulo de capital através do comércio, incluindo as grandes navegações e a colonização das Américas.

3. O que foi o pacto colonial no capitalismo comercial?

O pacto colonial, ou exclusivo colonial, era uma política econômica em que as colônias podiam comerciar apenas com suas metrópoles, resultando em grande acúmulo de capital para a Europa entre os séculos XV e XVIII.

4. Por que a Inglaterra foi pioneira na Revolução Industrial?

A Inglaterra foi pioneira devido à sua grande disponibilidade de mão de obra, jazidas de carvão e ferro, burguesia rica e investidora, e um eficiente sistema de transporte hidroviário que facilitava o comércio.

5. O que foi o neocolonialismo e o imperialismo no século XIX?



Neocolonialismo e imperialismo foram fases de expansão capitalista no século XIX, caracterizadas pela disputa das potências industriais por mercados consumidores e matérias-primas, levando à colonização da África e da Ásia.

6. O que caracteriza o capitalismo monopolista do final do século XIX?

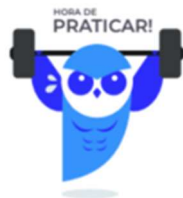
O capitalismo monopolista é marcado pelo domínio de grandes conglomerados, como Trustes e Cartéis, que controlavam vastos setores da economia e, em alguns casos, se fundiam com bancos ou criavam seus próprios.

7. Quais países compõem a 1ª e a 2ª gerações de industrialização?

A 1ª geração de industrialização incluiu Inglaterra, França, Bélgica e Holanda. A 2ª geração ocorreu nos EUA, Japão, Itália e Alemanha.



QUESTÕES COMENTADAS



1. (CEBRASPE/2023) Revolução industrial e fontes de energia

No que se refere à configuração política e econômica global no contexto da Revolução Industrial, julgue o seguinte item.

A Revolução Industrial, que intensificou o processo de separação entre trabalhadores e meios de produção, foi fundada na mecanização da indústria, cuja força motriz foi inicialmente o petróleo e a eletricidade e, posteriormente, o vapor.

Comentários:

O item está correto, pois a Revolução Industrial separou o trabalhador de seu meio de produção. Até a Idade Média o trabalhador é responsável por todas as etapas da produção do produto e com a modernização da maquinofatura o trabalhador é torna-se uma extensão da máquina e vende sua força de trabalho para os donos dos meios de produção.

Em cada momento da modernização permanente surgem novas fontes de energia, por exemplo, o carvão na primeira revolução industrial, o petróleo e a eletricidade na segunda revolução industrial e a energia nuclear e energias limpas e renováveis na terceira.

2. (CEBRASPE/2022) Revolução industrial e a exploração do trabalho infantil e feminino

A Revolução Industrial impactou profundamente o mundo, sobretudo a partir do século XIX. A respeito da Revolução Industrial e de seus impactos, julgue o item subsequente. O processo de industrialização implicou grande exploração da mão de obra, especialmente das crianças e das mulheres.

Comentários:



O item está correto, pois aumentou a exploração do trabalho com maiores jornadas e pelo aumento da produtividade. Mulheres e crianças ganhavam menos e por isso eram muito exploradas.

3. (CEBRASPE/2022) O ludismo

A Revolução Industrial impactou profundamente o mundo, sobretudo a partir do século XIX. A respeito da Revolução Industrial e de seus impactos, julgue o item subsequente. A Revolução Industrial causou insatisfação em muitos setores da sociedade, sendo o Ludismo um dos principais exemplos de movimento que se revoltou contra essa revolução.

Comentários:

O item está correto, pois o ludismo foi o primeiro movimento de trabalhadores contrários ao processo de mecanização, que ameaçava seus trabalhos. Eles tentavam negociar com o dono da fábrica e as quebrava para forçar a manter os empregos, e eram conhecidos como quebradores de máquinas.

4. (CEBRASPE/2022) O mundo do trabalho na revolução industrial

A Revolução Industrial impactou profundamente o mundo, sobretudo a partir do século XIX. A respeito da Revolução Industrial e de seus impactos, julgue o item subsequente. A Revolução Industrial proporcionou melhores condições de vida para os trabalhadores da indústria, que recebiam altos salários e eram protegidos pelo Estado.

Comentários:

Errado, pois os trabalhadores urbanos eram superexplorados com longas jornadas de trabalho, baixos salários e predominava o "livre contrato" ou seja, o Estado não intervinha nas relações de trabalho.

5. (CEBRASPE/2022) Revolução industrial e imperialismo

A São muitos os laços étnicos e afetivos que unem o Brasil a países como Nigéria, Togo, Benin, Angola e República Democrática do Congo, além dos vínculos econômicos, por exemplo, com Congo, Guiné, Gabão e Moçambique. Relativamente aos reinos africanos entre os séculos V e XV, julgue o item subsequente.

Somente na segunda fase da Revolução Industrial, em pleno século XIX, os europeus, notadamente os países ibéricos, aventuraram-se a dominar o continente africano.

Comentários:



O item está errado, pois a revolução industrial resultou na expansão imperialista do capitalismo industrial europeu pela África e Ásia desde o início do século XIX.

6. (CEBRASPE – Pref. São Cristóvão-SE - Professor de EB - História / 2019) O Japão foi uma potência colonialista no período em questão.

Comentário:

A questão está certa, desde que, com a “Restauração Menji” o Japão se fortaleceu e procurou virar uma potência. Para que isso acontece era necessário se expandir, por esse motivo, o Japão começou a investir militarmente, para posteriormente conquistar territórios na China, Taiwan, as Ilhas Pescadoras, entre outros.

7. (VUNESP - PM-SP - 2018) Impactos das Tecnologias na Produção e no Trabalho

Na sociedade contemporânea, as relações de trabalho no campo, no setor produtivo e no setor comercial estão sendo modificadas por novas tecnologias de mecanização e de informação.

Considerando o impacto de tais tecnologias nas relações de trabalho, é correto afirmar que

- a) o trabalho braçal passará a ser socialmente valorizado no contexto das tecnologias de informação.
- B) a proliferação das tecnologias de informação compromete a geração de empregos no setor comercial.
- c) o aumento da produtividade agrícola mecanizada foi benéfico para a geração de empregos no campo.
- d) as tecnologias de informação e mecanização permitem gerar mais empregos no setor produtivo.
- e) a exigência de alta qualificação técnica no setor produtivo permite melhorar os índices de emprego.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois se antes, com a Revolução Industrial, transferiu-se a força humana para as máquinas, com o objetivo de aprimorar e facilitar o aumento da produção, atualmente, a transferência das experiências e das capacitações humanas são realizadas aos softwares, por programas desenvolvidos, os quais substituem a atividade humana. É por essa razão que hoje vivenciamos uma nova revolução, a informacional. A revolução informacional pode ser entendida como um novo modelo de desenvolvimento que privilegia o uso da tecnologia. Este sistema sucede o industrialismo que ocorreu em meados do século XVIII, cuja principal característica consistia na mecanização do trabalho braçal, além da obtenção e da descentralização



de energia ao longo do processo de produção. O informacionalismo, por sua vez, está voltado para o crescimento da economia, pela acumulação de conhecimento aliado ao processo de informação.

A **alternativa B** está correta, pois à medida que o processo de globalização invade o meio laboral de forma crescente, aliado ao uso da tecnologia, exige-se do trabalhador o conhecimento necessário para permanecer em um mercado, no qual as formas físicas já não são tão essenciais como antes, uma vez que os bens e os serviços podem, atualmente, ser comprados, distribuídos e consumidos, pelo comércio eletrônico, por exemplo. A evolução tecnológica traz consigo a necessidade e a implementação de novos processos de produção e a prudência de que o trabalhador se especialize, se capacite, afinal, o trabalho com uso da força humana diminui, à medida que se reorganiza pelo trabalho intelectual e manual. No referido cenário, há uma diminuição nos postos de trabalho. A automação, a robótica, a tecnologia e a microeletrônica se sedimentam. O desemprego passa a apresentar cariz estrutural. O trabalho fica submetido a um ataque de perda da sua centralidade, que deixaria de ser o eixo da sociedade. A externalização gerada pela utilização indiscriminada da terceirização, até mesmo na Administração Pública, solidifica-se. A fragmentação da empresa mostra as suas nuances, com a política de redução de custos. Avoluma-se o número de mulheres integradas no mercado de trabalho, embora em atividades preponderantemente precarizadas, com tendência de divisão sexual do trabalho no cenário de produção. A transferência antes ocorrida da mão de obra do setor primário (agrícola) para o secundário (de manufatura, industrial) e posteriormente para o de serviços (terciário), ocorre hoje para o setor quaternário (de conhecimento, na sociedade informacional).

A **alternativa C** está incorreta, pois o aumento do uso de máquinas no campo contribuiu para o desemprego em larga escala nesse setor. A relação entre trabalho e tecnologia é antiga e presente desde a origem da história. Assim ocorreu com a evolução das ferramentas utilizadas na agricultura, com os teares, com o computador, ou seja, a ideia da utilização da tecnologia sempre foi a de facilitar o trabalho humano e, como consequência, economizar tempo e esforço. Com o aumento da produtividade no campo pelas máquinas, veio o aumento do desemprego, com poucas pessoas podendo realizar o trabalho, que agora é programar e guiar as máquinas.

A **alternativa D** está incorreta, pois outra tendência presente no atual mercado de trabalho é o crescimento do desemprego entre trabalhadores com maior tempo de escolaridade, sobretudo jovens e adultos com idade máxima de 40 anos. Paradoxalmente, quando os trabalhadores qualificados ocupam postos de trabalho, o fazem em ocupações de menor grau de exigência profissional, na marginalização dos trabalhadores com baixa qualificação. Além disso, o mercado conta com o desenvolvimento do trabalho no "terceiro setor", em que formas alternativas e comunitárias de trabalho se destacam. É nesse contexto que se apresenta o trabalho voluntário como alternativa ao desemprego, mas, muitas vezes, o que se percebe é que ele é utilizado à margem do Direito do Trabalho, como mecanismo de descaracterização de relação de emprego.

A **alternativa E** está incorreta, pois houve uma redução de proletariado industrial tradicional ("mestres em manufatura, carpinteiros, torneiros mecânicos, chefes administrativos"), que cedeu



lugar a formas mais flexíveis de contratação trabalhista presentes nas mais diversas modalidades de trabalho precarizado-toyotizado, com destaque para os “trabalhadores de telemarketing e call center, motoboys, empregados de fast-food, de hipermercados” entre outros. Quando os trabalhadores qualificados ocupam postos de trabalho, o fazem em ocupações de menor grau de exigência profissional, na marginalização dos trabalhadores com baixa qualificação.

(DACHERI, GOLDSCHMIDT. 2017)

8. (VUNESP - PM-SP - 2015) Divisão Social do Trabalho na Sociedade Industrial

Muitos sociólogos pesquisaram extensivamente a respeito das consequências potenciais da divisão do trabalho – tanto para os trabalhadores em termos individuais, quanto para toda a sociedade.

Para Karl Marx, a industrialização e o assalariamento dos trabalhadores resultaram na

- a) especialização do trabalho, conduzindo à profissionalização e ao desenvolvimento de novas identidades sociais.
- b) autonomia dos trabalhadores pela condição de assalariamento, que os liberta das relações servis existentes no mundo rural.
- c) socialização dos trabalhadores que, concentrados em um mesmo ambiente, desenvolvem relações de cooperação e solidariedade superiores às existentes nas outras esferas da vida social.
- d) alienação entre os trabalhadores, pela perda do controle do seu trabalho, sendo obrigados a desempenharem tarefas monótonas, de rotina, que despojariam seu trabalho do valor criativo intrínseco.
- e) ideologização do trabalho, que passa a ser visto como caminho para superação das limitações humanas e redenção dos indivíduos.

Comentários:

A **alternativa A** está incorreta, pois esse trabalho assalariado da sociedade pós-revolução industrial se diferencia do trabalho em sociedades pré-capitalistas na relação do trabalhador com o seu trabalho ou do fruto do seu trabalho. Enquanto o servo de um senhor feudal trabalhava a terra de forma a produzir diretamente o seu sustento, cedendo parte da produção ao senhor como forma de tributo, o trabalhador assalariado trabalha em função de uma moeda, para só então poder ter contato com o seu sustento. Marx afirma que essa “coisificação” da força de trabalho – a transformação do trabalho em um objeto que passa a ter valor monetário agregado – é o que possibilita a exploração ou a alienação do trabalhador e da sua força de trabalho pelo capitalista detentor dos meios de produção.

A **alternativa B** está incorreta, pois os proprietários da força de trabalho, os trabalhadores, submetem-se, porque, dessa maneira, integram-se eles próprios no mercado. Só assim podem ter acesso à mercadoria dinheiro - representado neste caso pelo salário - passaporte único às demais mercadorias, o que lhes permite a sobrevivência. Nesse sentido, percebe-se que o salário,



expressão do valor da força de trabalho, não importa os meios pelos quais seja estabelecido, não “deveria” descer ameaçando a própria sobrevivência e reprodução da classe trabalhadora, dada a importância para o capital, que a submete, mas que dela necessita (até mesmo como exército de reserva), para continuar a sua trajetória de valorização e acumulação. (Pelo menos até a fase atual, o capitalismo não conseguiu se descartar definitivamente da força de trabalho, embora a substituição de trabalho vivo por trabalho morto seja mais e mais acelerada).

A **alternativa C** está incorreta, pois para participar do processo de troca, para ter existência social, o produtor precisa então levar a sua mercadoria ao mercado, que se defrontará com todas as demais mercadorias. O seu possuidor a leva “livremente” ao mercado e a vende por tempo determinado, forma única de continuar sobrevivendo. Não se aliena definitivamente dela, pois só agindo assim pode continuar participando da troca. Caso contrário, nada mais teria a oferecer. Alienando-se da sua mercadoria única, nada mais seria que um escravo - ele próprio mercadoria. Isso significa que alguém, o comprador, proprietário do dinheiro e dos meios de produção, adquire o direito de usar essa força de trabalho pelo tempo acordado. Caracteriza-se, assim, a dicotomia proprietários dos meios de produção/proletários.

A **alternativa D** está correta, pois o trabalho se torna, então, alienado, vazio de sentido para o trabalhador, dado que o resultado da sua atividade passa a ser propriedade de outrem. Nesse ponto, é bastante oportuna a seguinte citação: o antigo possuidor de dinheiro marcha adiante como capitalista, seguindo-o o possuidor da força de trabalho como seu trabalhador: um cheio de importância, sorriso satisfeito e ávido por negócios e o outro, tímido, contrafeito, como alguém que levou a própria pele ao mercado e agora não tem mais nada a esperar, exceto o curtime. Revela-se aqui todo o significado do fato da força de trabalho ser transformada em uma mercadoria a mais, no mundo da produção capitalista, em que os produtos do trabalho não mais pertencem aos seus produtores, anônimos participantes de um espetáculo no qual entram em cena sem nem mesmo perceber e no qual têm que permanecer independentemente da sua vontade. A sua sobrevivência está agora delimitada por decisões que vão, cada vez mais, afastando-se do seu domínio, às quais, por meios mais ou menos violentos, são obrigados a acatar. A “liberdade” não é conquistada, mas imposta, que lhes permite colocar a sua força de trabalho à venda, o que significa a subordinação completa e definitiva do trabalho ao capital. Esse sim impõe regras e condições aos personagens que a ele são atrelados. O conflito é inerente e intransponível. A ingenuidade querer eliminá-lo, mantendo-se intocadas as características do cenário em que se insere.

A **alternativa E** está incorreta, pois, por outro lado, o surgimento do trabalho assalariado supõe a generalização da produção para a troca. No entanto, esta, sozinha, não pode explicar a proletarização dos produtores. Há que haver outras características que viabilizem o desenrolar do processo especificamente em direção ao modo de produção capitalista. Essas características estão presentes ou decorrem da crise do regime feudal, que, dada a sua estrutura social, permitiu o surgimento de pequenos produtores independentes. A expropriação e a proletarização dos produtores diretos se caracterizam como momento essencial do surgimento do regime de



produção capitalista. O produtor direto, transformado em trabalhador livre, produz não mais para si próprio, mas para o proprietário dos meios de produção.

(TEIXEIRA. SOUZA. 1985)



LISTA DE QUESTÕES

1. (CEBRASPE/2023) Revolução industrial e fontes de energia

No que se refere à configuração política e econômica global no contexto da Revolução Industrial, julgue o seguinte item.

A Revolução Industrial, que intensificou o processo de separação entre trabalhadores e meios de produção, foi fundada na mecanização da indústria, cuja força motriz foi inicialmente o petróleo e a eletricidade e, posteriormente, o vapor.

2. (CEBRASPE/2022) Revolução industrial e a exploração do trabalho infantil e feminino

A Revolução Industrial impactou profundamente o mundo, sobretudo a partir do século XIX. A respeito da Revolução Industrial e de seus impactos, julgue o item subsequente. O processo de industrialização implicou grande exploração da mão de obra, especialmente das crianças e das mulheres.

3. (CEBRASPE/2022) O ludismo

A Revolução Industrial impactou profundamente o mundo, sobretudo a partir do século XIX. A respeito da Revolução Industrial e de seus impactos, julgue o item subsequente. A Revolução Industrial causou insatisfação em muitos setores da sociedade, sendo o Ludismo um dos principais exemplos de movimento que se revoltou contra essa revolução.

4. (CEBRASPE/2022) O mundo do trabalho na revolução industrial

A Revolução Industrial impactou profundamente o mundo, sobretudo a partir do século XIX. A respeito da Revolução Industrial e de seus impactos, julgue o item subsequente. A Revolução Industrial proporcionou melhores condições de vida para os trabalhadores da indústria, que recebiam altos salários e eram protegidos pelo Estado.

5. (CEBRASPE/2022) Revolução industrial e imperialismo

A São muitos os laços étnicos e afetivos que unem o Brasil a países como Nigéria, Togo, Benin, Angola e República Democrática do Congo, além dos vínculos econômicos, por exemplo, com Congo, Guiné, Gabão e Moçambique. Relativamente aos reinos africanos entre os séculos V e XV, julgue o item subsequente.



Somente na segunda fase da Revolução Industrial, em pleno século XIX, os europeus, notadamente os países ibéricos, aventuraram-se a dominar o continente africano.

6. (CEBRASPE – Pref. São Cristóvão-SE - Professor de EB - História / 2019) O Japão foi uma potência colonialista no período em questão.
7. (VUNESP - PM-SP - 2018) Impactos das Tecnologias na Produção e no Trabalho
Na sociedade contemporânea, as relações de trabalho no campo, no setor produtivo e no setor comercial estão sendo modificadas por novas tecnologias de mecanização e de informação.

Considerando o impacto de tais tecnologias nas relações de trabalho, é correto afirmar que

- a) o trabalho braçal passará a ser socialmente valorizado no contexto das tecnologias de informação.
- B) a proliferação das tecnologias de informação compromete a geração de empregos no setor comercial.
- c) o aumento da produtividade agrícola mecanizada foi benéfico para a geração de empregos no campo.
- d) as tecnologias de informação e mecanização permitem gerar mais empregos no setor produtivo.
- e) a exigência de alta qualificação técnica no setor produtivo permite melhorar os índices de emprego.

8. (VUNESP - PM-SP - 2015) Divisão Social do Trabalho na Sociedade Industrial
Muitos sociólogos pesquisaram extensivamente a respeito das consequências potenciais da divisão do trabalho – tanto para os trabalhadores em termos individuais, quanto para toda a sociedade.

Para Karl Marx, a industrialização e o assalariamento dos trabalhadores resultaram na

- a) especialização do trabalho, conduzindo à profissionalização e ao desenvolvimento de novas identidades sociais.
- b) autonomia dos trabalhadores pela condição de assalariamento, que os liberta das relações servis existentes no mundo rural.
- c) socialização dos trabalhadores que, concentrados em um mesmo ambiente, desenvolvem relações de cooperação e solidariedade superiores às existentes nas outras esferas da vida social.
- d) alienação entre os trabalhadores, pela perda do controle do seu trabalho, sendo obrigados a desempenharem tarefas monótonas, de rotina, que despojariam seu trabalho do valor criativo intrínseco.



e) ideologização do trabalho, que passa a ser visto como caminho para superação das limitações humanas e redenção dos indivíduos.



GABARITO

1. Certo
2. Certo
3. Certo
4. Errado
5. Errado
6. Certo
7. B
8. D



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.